



O espaço na construção da narrativa de *A Sangue Frio*¹

Natália Carneiro de SANTANA²

Márcia Guena dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO

O artigo presente propõe uma análise do espaço na narrativa do livro-reportagem *A Sangue Frio*, de Truman Capote, que conta a história da morte de toda a família Clutter, em Holcomb, no Kansas. É objetivo central identificar este elemento da narrativa como peça fundamental na construção da obra que consolidou o *New Journalism*, na década de 1960. Faz-se presente ainda as classificações do espaço – propostas por Osmar Lins – e de que forma ele está inserido no livro. A partir da análise do livro-reportagem é possível compreender como o espaço torna-se um “personagem-coringa”, que conduz a trama e consolida a narrativa com elementos tanto da literatura, como a construção cena a cena proposta por Tom Wolfe, bem como do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; Truman Capote; Espaço e narrativa, Gênero Jornalístico; *A Sangue Frio*

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), email: nataliacs.jornalismo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), email: marciaguena@gmail.com



INTRODUÇÃO

Durante a efervescência da década de 60 e os movimentos de contracultura, o *New Journalism* se consolida nos Estados Unidos. A fusão entre os elementos da literatura e do jornalismo trouxe o livro-reportagem como seu maior produto. Não bastava só informar ao público sobre os fatos noticiosos de forma rápida e superficial, a palavra de ordem era aprofundar nos desdobramentos da notícia. Edvaldo Pereira Lima (2009) conceitua este veículo - o livro reportagem - como horizontal e denso:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26)

As origens do chamado jornalismo literário datam do século XVIII, segundo aponta Ferreira Júnior (2003). Kerrane (apud FERREIRA JÚNIOR, 2003) classificou “Defoe como “talvez o primeiro verdadeiramente moderno jornalista literário” (situando o trabalho de 1725 sobre Jonathan Wild como protótipo da moderna narrativa sobre crimes reais)”. Um pouco mais tarde, na segunda metade do século XIX, seria cunhado o termo que faria sucesso nos anos 60:

O termo “novo jornalismo”, de fato, foi originalmente cunhado por Mathew Arnold em 1887 para descrever o estilo da Pall Mall Gazette de Stead: atrevido, vívido, pessoal, reformista – e ocasionalmente, do ponto de vista conservador de Arnold, inconseqüente [a expressão jocosa utilizada teria seu significado mais apropriadamente traduzido por “cabeça oca”, “cuca fresca” ou “cérebro de passarinho”, com o necessário toque de ironia implicado]. (KERRANE apud FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 289)

Portanto, o que fazem os jornalista do pós Segunda Guerra é uma retomada de um estilo que já tinha antecedentes importantes. Assim, vários jornalistas voltam a escrever mediante a incorporação de técnicas da narrativa literário e do discursos jornalístico. Autores como Gay Talese, Norman Mailer, Tom Wolfe e Truman Capote, marcaram a história do jornalismo dos anos 60 do século XX. A *Sangue Frio*, do jornalista Truman Capote, é lançado em 1965 e classificado como romance de não-ficção. O livro-reportagem conta com detalhes minuciosos a história do assassinato de quatro membros da família Clutter, que vivia na cidade de



Holcomb, estado do Kansas, nos Estados Unidos, e dos dois ex-presidiários que cometeram o crime.

Capote utiliza os elementos da narrativa literária para modificar a construção do texto jornalístico. As fontes passam a ser personagens (reais), o tempo e o espaço, que estariam inseridos no *lead* – conjunto das principais informações da notícia (O quê? Como? Quando? Onde? Por que? Quem?) –, passam a ser fundamentais em toda a obra, e o narrador não é tão neutro como parece e vai surgir na obra em alguns formatos. Ora ele é onisciente intruso e representa o próprio autor da obra, o Capote - o que lhe permite ter um ponto de vista muito além dos limites de tempo e espaço, onde predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções - e, não, neutro como o jornalismo convencional exige; ora ele é narrador-personagem. Neste momento, o autor, Capote, coloca na voz da personagem a descrição das ações e do espaço. O autor faz da descrição seu principal instrumento na criação da obra. É a característica mais marcante, seja para definir as personagens, o tempo e, principalmente, o espaço.

A obra de Truman Capote é discutida no campo acadêmico de forma exaustiva. Os personagens e o foco narrativo ganham análises de inúmeros leitores e especialistas do mundo inteiro.

Este artigo é resultado das discussões realizadas durante o curso de verão de Produção Textual ministrado pela professora Márcia Guena dos Santos, para o curso de Comunicação Social – Jornalismo em Mídias, da Universidade do Estado da Bahia, realizado em janeiro de 2011. O curso discutiu a presença de aspectos da narrativa literária na obra de Truman Capote “A Sangue Frio”, e este texto dedica-se a um dos temas aprofundados: o espaço. Espera-se aqui contemplar alguns pontos que contribuam para a relação jornalismo e literatura no que concerne a esse aspecto.

O ESPAÇO NARRATIVO NA CONSTRUÇÃO TEXTUAL

Na construção do texto jornalístico noticioso, a descrição é tratada como elemento secundário, onde as fontes, identificadas superficialmente, e a ação são temas centrais. Entretanto, o espaço vai além da local onde ocorrem as movimentações das personagens. Em A Sangue Frio, Truman Capote traz o espaço da narrativa como elemento fundamental na construção da



obra. É uma espécie de “personagem coringa”, pois tem um peso dentro da obra como se fosse uma das personagens centrais como Perry Smith e Dick Hickcock⁴, ou Nancy Clutter⁵.

Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura, etc. É bem verdade que, reconhecemos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. (DIMAS, 1985, p. 5)

Em seu livro *The New Journalism*, Tom Wolfe enumera os quatro recursos literários a serem aplicados no *New Journalism*, um deles é a construção cena a cena Ferreira Júnior (2003). Wolfe propõe a utilização de elementos da literatura como característica principal do Novo Jornalismo.

Além de um determinado tipo de reportagem-observação que busca a informação que está na cabeça das pessoas (seus pensamentos, emoções, em torno do acontecimento central) e aquela que está no modo de vida dos envolvidos (tudo o que os situa socialmente, de tipo de vocabulário, olhar, maneirismo, até o que comem, onde moram etc.), Wolfe propõe como característica principal do Novo Jornalismo, para ele um novo gênero literário, a utilização pelos seus autores do instrumental da literatura, isto é, das técnicas do realismo: da construção “cena-a-cena” ao diálogo (narração mais linear e reprodução das conversas), do ponto de vista da terceira pessoa ao registro dos detalhes simbólicos, da vida cotidiana dos envolvidos (nesses dois últimos casos, conforme ligação com a necessária reportagem-observação mencionada antes). (FERRERIRA JÚNIOR, 2003 p. 286-287)

Com a construção cena a cena, Truman Capote explora e expõe um crime, que muitos acreditavam que não passaria de uma notícia policial. Por isso, foram seis anos escrevendo o livro-reportagem. Antonio Dimas (1985) faz uma breve diferenciação entre o espaço e a ambientação, na qual o primeiro é uma referência simples de elementos da realidade. Já a ambientação, faz uma representação mais complexa, de ordem psicológica, através da percepção subjetiva, adquirindo maior função dentro da narrativa. Ou seja, o espaço tem um sentido denotativo, enquanto a ambientação possui um sentido conotativo. “O primeiro

⁴ Dupla de ex-presidiários que cometeram o o assassinato dos quatro membros da família Clutter, na cidade de Holcomb, no Kansas. Da casa dos Clutter, os criminosos levaram apenas um rádio, um par de binóculos e 40 dólares. Foram presos meses depois. Condenados à morte, em 14 de abril de 1965, foram enforcados.

⁵ Era a filha do meio do casal Clutter, considerada pela população da cidade como boa aluna e boa filha. Foi assassinada, aos 16 anos, na chacina feita por Perry Smith e Dick Hickcock, em 1959.



contem dados de realidade que, numa instancia posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica." (DIMAS, 1985, p. 20)

A descrição do espaço físico é o primeiro contato do leitor com a obra. No primeiro capítulo, intitulado “Os últimos a vê-los com vida”, o autor faz uma apresentação da localidade onde os homicídios aconteceram. A descrição da cidade de Holcomb, no estado do Kansas, situa o leitor a respeito do local onde toda a história aconteceu.

A cidade de Holcomb fica nas planícies do oeste do Kansas, lá onde cresce o trigo, uma área isolada que mesmo os demais habitantes do Kansas consideram distantes. A uns 110 quilômetros da divisa entre o Kansas e o Colorado, a paisagem, com seu céu muito azul e o límpido ar do deserto, tem uma aparência que está mais para o Velho Oeste do que para o Meio-Oeste. O sotaque local traz as farpas da pronúncia cortante da pradaria, a nasalidade dos caubóis, e os homens, muito deles, usam calças apertadas, chapéus Stetson e botas de salto alto com bicos pontudos. (CAPOTE, 2003, p. 21)

Em outro trecho, é possível perceber algumas críticas sutis de Truman Capote, ao longo do livro, inserida na descrição do espaço.

Holcomb também pode ser vista de muito longe. Não que haja muito para ver – apenas uma congregação desordenada de construções dividida ao meio pelos trilhos da linha principal da Santa Fe Railroad, um vilarejo fortuito delimitado ao sul por um trecho barrento do rio Arkansas, ao norte por uma auto-estrada, a Route 50, e a leste e oeste pelas pradarias e os campos de trigo.

A crítica é percebida, partindo do referencial do autor, pois este cresceu na megalópole Nova York, e tão logo percebeu as diferenças culturais e sociais da cidadezinha, que “até uma certa manhã de meados de novembro de 1959, poucos americanos – e bem poucos habitantes do Kansas, na verdade – jamais tinham ouvido falar”. (CAPOTE, 2003, p. 23)

Entre o ano que o crime foi cometido (1959) e o ano de lançamento do livro (1965), os Estados Unidos viviam o momento da contracultura. De acordo com Sean Purdy (2008), o país estava em plena Guerra do Vietnã e com intensa explosão dos movimentos sociais, que lutavam pelos direitos civis, paz e liberdade sexual. “Nos anos 60, negros hippies e estudantes da Nova Esquerda questionaram o *American way of life* e denunciaram a hipocrisia de uma sociedade dominada pelo consumo, o racismo e a paranóia da Guerra Fria”. (PURDY, 2008)

Segundo Ferreira Júnior (2003), Capote teria dúvida a respeito do *American way of life* e de forma irônica questionou os valores americanos da época.



O autor tanto parece ter algumas dúvidas a respeito dessa “santidade” do “verdadeiro way of life” americano, que já nas páginas iniciais do livro, soa irônico o quadro traçado. (...) Capote parece duvidar de tudo e indicia a possibilidade, pelos dados anteriores revelados, da rigidez moral, comportamental e certo autoritarismo do marido, que a origem do mal estaria mesmo na cabeça daqueles tomados como representantes dos verdadeiros valores norte-americanos, do way of life, só que indiciado pelo autor como puritano e reprimido” (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p.285)

Embora, o movimento de contracultura adotasse um estilo alternativo de vida e criticasse as autoridades e os valores da classe média, esta realidade estava distante do cotidiano tranqüilo da cidade de Holcomb. As críticas de Capote refere ao *American way of life* podem ser encontradas em diversos pontos do livro, seja através da descrição dos espaços de cidade tranqüila e de “melhor lugar para criar os filhos”, seja através descrição dos espaços para construir a personagem.

O quarto de Nancy era o menor e mais pessoal da casa – um quarto de moça, e tão cheio de rendinhas quanto um tutu de bailarina. A parede, o teto e tudo o mais, com a exceção de uma cômoda e de uma escrivaninha, era cor-de-rosa, azul-claro ou branco. A cama branca e cor-de-rosa, coberta de almofadas azuis era dominada por um imenso urso de pelúcia branco e cor-de-rosa. (CAPOTE, 2003, p. 85-86)

Ao longo do texto, é possível identificar as definições de outros espaços, como por exemplo, o espaço social com aspectos econômicos:

A agricultura é sempre uma atividade de risco, mas no oeste do Kansas os que a praticam consideram-se “apostadores natos”, pois precisam enfrentar chuvas extremamente escassas (a média anual é de 450 milímetros) e angustiantes problemas de irrigação. No entanto, por sorte, nos últimos sete anos não houve estiagem, e os fazendeiros do condado de Finney, de quem Holcomb faz parte, tiveram bons resultados: ganharam dinheiro não só com a agricultura, mas também com a exploração dos abundantes recursos de gás natural, e esses ganhos se refletiram na escola nova, nos interiores confortáveis das sedes das propriedades, nos elevados e repletos silos de cereais. (CAPOTE, 2003, p. 23)

Assim, percebe-se que o espaço também é utilizado pelo narrador com várias finalidades e não apenas descritiva. Desse modo, o espaço cumpre vários papéis, entre eles: tecer a trama; registrar ali a posição de narrador onisciente intruso e deixar a marca dos personagens.

A AMBIENTAÇÃO

Para tratar da ambientação, é preciso compreender, segundo Ugo Voli (2007), “o espaço como veículo de significação textual, como lugar que determina ou bloqueia as



transformações dos sujeitos e dos valores em jogo”. A ambientação também está muito presente no livro-reportagem em questão. De acordo com Lins (1976), a noção de ambientação pode ser franca, reflexa e dissimulada ou oblíqua. Entende-se por franca a ambientação descrita pelo narrador, onde existe uma pausa nas ações para que o espaço seja descrito. Esta é a variação mais vista em *A Sangue Frio*, que diversas vezes é inserida durante um digressão – recurso utilizado para pausar o tempo da narrativa e produzir um anticlímax. Como, por exemplo, no episódio em que os dois assassinos estão fugindo com destino a Omaha, no estado de Nebraska. Após um longa sucessão de ações dos dois personagens, a narrativa é interrompida por uma ambientação franca:

16 de dezembro de 1959, Las Vegas, Nevada. O tempo e o clima tinham removido a primeira e a última letras – um R e um S – da palavra ROOMS (quartos), cunhando assim um termo meio assustador: OOM. A palavra, esmaecida na placa retorcida pelo sol parecia apropriada para descrever o lugar anunciado, que era, como Harold Nye escreveu em seu relatório oficial ao KBI, “gasto e triste o tipo mais ordinário de hotel ou pensão”. (CAPOTE, 2003, p.220).

Os capítulos são organizados em ações entremeadas por ambientações, a exemplo do início do capítulo 4:

A austeridade institucional coexiste com uma alegre domesticidade no quarto andar do prédio do tribunal do condado de Finney. A presença da cadeia do condado é a responsável pela primeira qualidade, enquanto a chamada Residência do Xerife, um agradável apartamento separado da cadeia por portas de aço e um curto corredor, responde pela segunda. (CAPOTE, 2003, p.311)

A ambientação reflexa é utilizada com critérios restritos aos momentos principais, sejam quando o professor Larry Hendricks descreve a cena, na qual encontrou as vítimas, ou quando Perry Smith, no exemplo abaixo, confessa a autoria do crime, ou seja a voz do personagem descreve a cena:

Bem, quando não encontramos o cofre,, Dick apagou a lanterna e, no escuro, saímos do escritório para uma sala, uma sala de estar. Dick me perguntou baixinho se eu não conseguia andar fazendo menos barulho. Mas ele fazia, no mínimo, tanto barulho quanto eu. Cada passo da gente era o maior estardalhaço. Chegamos a uma sala e uma porta, e Dick, lembrando do diagrama, disse que era um quarto. Acendeu a lanterna e abriu a porta. (CAPOTE, 2003, p. 296)

Outro momento de ambientação reflexa é construída, principalmente, por causa dos depoimentos de Perry Smith e Dick Hickcock que são inseridos na obra. Estes contam ao investigador detalhes dos assassinatos e percebe-se a casa e seu entorno.



A porta estava destrancada. Uma porta lateral. Que dava para o escritório do senhor Clutter. E aí ficamos esperando no escuro. Ouvindo. Mas o único som era o do vento. Estava ventando bastante do lado de fora. Sacudia as árvores, e dava para ouvir as folhas agitadas. A única janela tinha uma veneziana, e Dick acendeu a lanterna. Vimos a mesa. O cofre devia ficar na parede bem atrás da mesa, mas não encontramos nada. Era uma parede de lambris, e estava coberta de livros e mapas emoldurados, e eu vi, numa das prateleiras um ótimo par de binóculos. Decidi que ia levá-los comigo quando saísse de lá.” (CAPOTE, 2003, p. 295)

A ambientação dissimulada ou oblíqua exige uma personagem ativa, pois o que a identifica é um enlace entre o espaço e a ação. Segundo Lins (1976), “atos da personagem, nesse tipo de ambientação, vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios olhos”. (1976, p. 84). São as ações dos personagens que descrevem a cena. Mas, esta é pouco utilizada na construção do texto. A exemplo do momento em que Susan Kidwell relata o momento em que encontrou os cadáveres da família. O objetivo principal é contar como estavam os membros da família, mas ao longo da história faz um relato minucioso da casa. Na verdade, a ambientação dissimulada às vezes confunde-se com a ambientação reflexa, em função da proximidade das duas:

Atravessamos a sala de jantar, e paramos ao pé da escada. O quarto de Nancy é o primeiro logo que se sobe. Chamei por ela, e comecei a subir seguida por Nancy Ewalt. O som dos nossos passos foi o que me deixou mais assustada, era tão alto e estava tudo tão quieto. A porta de Nancy estava aberta. As cortinas não tinham sido fechadas, e o quarto estava cheio de sol. Não me lembro de ter gritado. (CAPOTE, 2003, p.90).

Considerações Finais

De acordo com Carlos Augusto Monteiro (2002), “a construção do ‘lugar’ ou do conjunto de lugares que um romance contém levaria à consideração de que o ‘espaço’ é, ao mesmo tempo, ‘meio’ do sentido e também seu ‘objeto’ ”. A partir daí, conclui-se que ao inserir elementos literários no texto jornalístico, Truman Capote trata o componente espaço como elemento fundamental na construção da narrativa do livro-reportagem. O espaço descrito em *A Sangue Frio* não é só um local onde ocorrem as movimentações das personagens, mas é ali que suas características pessoais e valores coletivos ganham vida. Pensando-se no espaço como o lugar físico, ele aparece na narrativa amplamente construído e ajudar a forma juízos de valor



sobre personagens e o modo de vida da localidade. Esse é um dos maiores trunfos de Truman Capote. É o que permite, ao longo da narrativa produzir clímax e anticlímax. E a ambientação franca, marcante na obra, também ajuda nesse processo. A narrativa é interrompida com longas descrições, com o propósito, muitas vezes de pausar a história e causar expectativa no leitor.

Assim, o espaço e a ambientação na narrativa vão exercendo seus vários papéis, já apontados ao longo do artigo.

Apesar das críticas à sociedade local, Capote não propõe uma discussão a respeito do período em que os Estados Unidos atravessava, marcado pelas grandes questões sociais postas nos anos 60. Para Pereira Lima (2009), uma das condições para a construção do conceito de livro-reportagem, partindo dos princípios da Teoria Geral dos Sistemas, é a “a contextualização do fenômeno que se está analisando para detectar as realidades circundantes, bem como as características que afetam seu comportamento”. (LIMA, 2009, p. 8) Esta é uma característica que não é encontrada na obra de Capote. No entanto, percebe-se uma certa sensibilidade do autor, para a luta travada na época, pois o conservadorismo da pequena cidade do Kansas é questionado nas entrelinhas, inclusive nas descrições irônicas do espaço, ou mesmo na defesa do personagem Perry quando menciona a sua origem indígena e despreza, nas entrelinhas, o preconceito da sociedade norte americana.

No entanto, a utilização excessiva da descrição dos espaços é o grande trunfo de Capote, pois com o recurso de construção cena a cena, a história da família Clutter e dos criminosos, aproximam e prendem o leitor, mesmo sabendo qual é o seu desfecho.

Embora tenha sido lançado há 46 anos, *A Sangue Frio* continua a despertar interesse do público. É um marco no jornalismo e na literatura mundial e vai continuar a atrair leigos e especialistas na tentativa de analisar e descobrir como Truman Capote construiu a obra que muito contribuiu para o chamado *New Journalism*. Certamente o espaço foi um dos elementos centrais nessa narrativa. Conhecê-lo a partir de uma classificação proposta pelos estudos da narrativa literária é entender um pouco a dinâmica do que se chama jornalismo literário e fazer desse aprendizado uma possibilidade para o cotidiano textual jornalístico, preferencialmente para formato grande reportagem ou livro reportagem.

É importante ressaltar que com a utilização de estruturas da narrativa literária no livro-reportagem e a consolidação do Novo Jornalismo foi possível aprofundar em histórias que –



assim como o assassinato da família Clutter – não passariam de uma simples nota na página policial do jornal.



Referências

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1985.

FERREIRA JÚNIOR, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas**: Discursos e Contradiscursos, o Novo Jornalismo, O Romance-reportagem e os Livros-reportagens. São Paulo: Edusp, 2003. - (Ensaio de Cultura; 24)

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da literatura – 4ª Ed. Barueri-SP: Manole, 2009.

LINS, Osmar. (1976) “**Espaço romanesco**”, “**Espaço romanesco e ambientação**” e “**Espaço romanesco e suas funções**” In: SUZUKI, J. C. O Espaço na Narrativa: Uma Leitura do Conto “Preciosidade”. Artigo. Revista do Departamento de Geografia. 2006

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Mapa e a Trama**. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 2002

PURDY, Sean. **O outro sonho americano**. 2008. Disponível em http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_outro_sonho_americano_imprimir.html, acessado em 25 de janeiro de 2011.

SUZUKI, Julio Cesar. **O Espaço na Narrativa**: Uma Leitura do Conto “Preciosidade”. Artigo. Revista do Departamento de Geografia. 2006

VOLI, Ugo. **Manual da Semiótica**. 1ª Ed. São Paulo: Loyola, 2007.